



Artigo de Investigação

# O PAPEL DA PSICOPATIA NA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

*Tradução para o português com ajuda de IA (DeepL)*

**Ángela Mateos Valle**

Faculdade de Psicologia da Universidade de Granada  
Licenciada em Psicologia

**José María Palomares-Rodríguez**

Unidade de Psicologia Jurídica e Forense, spin-off da Universidade de Granada  
Mestrado Oficial em Psicologia Jurídica e Forense  
<https://orcid.org/0000-0002-7357-0587>

**Raúl Quevedo-Blasco**

Centro de Investigação Mente, Cérebro e Comportamento (CIMCYC)  
Universidade de Granada  
Doutor em Psicologia  
rquevedo@ugr.es - <https://orcid.org/0000-0001-7350-5374>  
<https://scholar.google.com/citations?user=AWjBRVvKAAAAJ&hl=es>

Recebido em 10/04/2026

Aceite em 08/06/2026

Publicado em 30/06/2026

doi: <https://doi.org/10.64217/logosguardiacivil.v4i2.8946>

Citação recomendada: Mateos, Á., Palomares, J. M. y Quevedo, R (2026). O papel da psicopatia na violência entre parceiros: uma revisão sistemática. *Revista Logos Guardia Civil*, 4(2), pp. 253-280  
<https://doi.org/10.64217/logosguardiacivil.v4i2.8946>

Licença: Este artigo é publicado ao abrigo da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0)

Registo Legal: M-3619-2023

NIPO online: 126-23-019-8

ISSN online: 2952-394X



## O PAPEL DA PSICOPATIA NA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

**Índice:** 1. INTRODUÇÃO. 2. METODOLOGIA. 3. RESULTADOS. 3.1. Associação entre psicopatia e perpetração de violência na relação de casal. 3.2. Relação diferencial entre as dimensões da psicopatia e os tipos de violência. 3.3. Relação entre traços psicopáticos e gravidade da violência na relação íntima. 3.4. Diferenças na frequência e reincidência de acordo com as facetas da psicopatia. 4. DISCUSSÃO. 5. CONCLUSÕES. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

**Resumo:** A violência na relação íntima (VRI) constitui um problema de saúde pública com graves consequências físicas, psicológicas e sociais. Entre os fatores individuais associados à sua perpetração, a psicopatia tem vindo a assumir especial relevância nos últimos anos. O presente estudo tem como objetivo atualizar e analisar a evidência empírica publicada, entre 2017 e 2025, sobre a relação entre os traços psicopáticos e a violência na relação íntima. Foi realizada uma revisão sistemática seguindo as diretrizes PRISMA. A pesquisa foi efetuada nas bases de dados Scopus, Web of Science e na plataforma ProQuest, aplicando critérios PICOS previamente definidos. Foram incluídos 20 estudos quantitativos com uma amostra de 7 706 adultos provenientes de contextos clínicos, comunitários e forenses. Os resultados revelam uma associação significativa entre a psicopatia e a violência na relação íntima (VPI), especialmente quando as dimensões do construto são analisadas de forma diferenciada. A psicopatia primária está associada principalmente à violência instrumental e a estratégias de controlo, enquanto a psicopatia secundária está associada à violência impulsiva e a um maior risco de reincidência. Além disso, identificam-se perfis diferenciados de agressores em função das facetas psicopáticas predominantes. São discutidas as implicações clínicas e forenses decorrentes destes resultados, bem como as limitações metodológicas da literatura atual. Em conjunto, os resultados corroboram a importância da análise dimensional da psicopatia para compreender a heterogeneidade da VPI.

**Resumen:** La violencia de pareja íntima (VPI) constituye un problema de salud pública con graves consecuencias físicas, psicológicas y sociales. Entre los factores individuales asociados a su perpetración, la psicopatía ha adquirido especial relevancia en los últimos años. El presente estudio tiene como objetivo actualizar y analizar la evidencia empírica publicada, desde el año 2017 hasta 2025, sobre la relación entre los rasgos psicopáticos y la violencia de pareja. Se realizó una revisión sistemática siguiendo las directrices PRISMA. La búsqueda se efectuó en las bases de datos Scopus, Web of Science y en la plataforma ProQuest, aplicando criterios PICOS previamente definidos. Se incluyeron 20 estudios cuantitativos con una muestra de 7.706 adultos procedentes de contextos clínicos, comunitarios y forenses. Los resultados muestran una asociación significativa entre psicopatía y VPI, especialmente cuando se analizan de forma diferenciada las dimensiones del constructo. La psicopatía primaria se vincula principalmente con violencia instrumental y estrategias de control, mientras que la psicopatía secundaria se asocia con violencia impulsiva y mayor riesgo de reincidencia. Asimismo, se identifican perfiles diferenciados de agresores en función de las facetas psicopáticas predominantes. Se discuten las implicaciones clínicas y forenses derivadas de estos hallazgos, así como las limitaciones metodológicas de la literatura actual. En conjunto, los resultados respaldan la importancia del análisis dimensional de la psicopatía para comprender la heterogeneidad de la VPI.

**Palavras-chave:** perturbações psicopatológicas, violência por parceiro íntimo, dimensões psicopáticas, reincidência, revisão sistemática.

**Palabras clave:** trastornos psicopatológicos, violencia de pareja íntima, dimensiones psicopáticas, reincidencia, revisión sistemática

## **ABREVIATURAS**

AQ-RSV = *Questionário de Agressão – Versão Sueca Revista*

ASP = *Subescala de Agressão da Escala de Agressão Física*

BIS-11 = *Escala de Impulsividade de Barratt-11*

BPD = *Transtorno de Personalidade Limítrofe*

CAB = *Bateria de Avaliação de Conflitos*

CASP: *Programa de Competências de Avaliação Crítica*

CTS2 = *Escala de Táticas de Conflito-2*

ENHVdG = *Inquérito Nacional sobre Homicídios e Violência de Género*

EPA-SSF = *Formulário Resumido de Avaliação da Personalidade Externalizante*

ICU = *Inventário de Traços de Insensibilidade e Falta de Emoção*

IVC = *Inventário de Violência na Parceria*

LHA = *História de Vida de Agressão*

LSRP = *Escala de Psicopatia de Autoavaliação de Levenson*

MACH-IV = *Escala de Maquiavelismo-IV*

MCMI-III = *Inventário Clínico Multiaxial de Millon-III*

MJS = *Escala Multidimensional de Ciúmes*

NPI = *Inventário de Personalidade Narcisista*

PAI-BOR = *Inventário de Avaliação da Personalidade – Escala de Características Borderline*

PCL-R = *Lista de Verificação de Psicopatia – Revisada*

PCL:SV = *Lista de Verificação de Psicopatia: Versão de Rastreamento*

PCL:YV = *Lista de Verificação de Psicopatia: Versão para Jovens*

PICOS: *População, Intervenção, Comparação, Resultados, Desenho do estudo*

PID-5 = *Inventário de Personalidade para o DSM-5*

PPPAS = *Escala de Percepções dos Reclusos sobre a Adaptação à Prisão*

PRISMA: *Itens Preferidos para Relatórios de Revisões Sistemáticas e Meta-análises*

PRQC = *Inventário dos Componentes da Qualidade Percebida da Relação*

PPI-SF = *Inventário de Personalidade Psicopática – Versão Resumida*

RPQ = *Questionário de Agressão Reativa-Proativa*

RCSI = *Inventário de Estilos de Conflito Romântico*

SCR = *Resposta de Condutância da Pele*

SCID-II-PQ = *Entrevista Clínica Estruturada para os Transtornos de Personalidade do Eixo II do DSM-IV – Questionário de Personalidade*

SCIRS = *Inventário de Coação Sexual – Versão Curta Revista*

SOI-R = *Inventário de Orientação Sociosexual – Revisão*

SRP: SF = *Escala de Autoavaliação da Psicopatia – Versão Curta*

SRP-III = *Escala de Psicopatia de Autoavaliação-III*

STAI = *Inventário de Ansiedade-Estado-Traço*

TLS = *Escala do Amor Triangular*

TriPM = *Medida da Psicopatia Triárquica*

VPI = *Violência na Relação Íntima*

VPR = *Violência na Parceria Registada*

## 1. INTRODUÇÃO.

A violência na relação íntima (VPI), também designada por violência doméstica, refere-se aos comportamentos exercidos por um parceiro íntimo ou ex-parceiro que podem causar danos físicos, sexuais ou psicológicos (Stewart et al., 2021). Estes comportamentos abrangem qualquer forma de agressão, seja física, sexual, psicológica ou de controlo (Centros de Controlo e Prevenção de Doenças, 2024). Alguns autores alargaram esta definição para incluir outras formas de violência, como o assédio, o abuso financeiro (Breiding et al., 2015) ou o controlo cibernético (Niehaus et al., 2025). A VPI representa um grave problema de saúde pública a nível global, contribuindo tanto para a morbilidade como para a mortalidade mundial e violando os direitos humanos fundamentais (Organização Mundial da Saúde, 2019). De acordo com as evidências existentes, estima-se que mais de 25% das mulheres entre os 15 e os 49 anos tenham sofrido algum episódio de VPI ao longo da vida, com um aumento notável na sua incidência após a pandemia da COVID-19 (Organização Mundial da Saúde, 2024).

A VPI tem sido tradicionalmente concebida como um ato violento cometido por homens contra mulheres. No entanto, investigações recentes demonstraram que este fenómeno afeta todos os géneros, níveis socioeconómicos, idades e orientações sexuais (Ali et al., 2016; Gerino et al., 2018; Halty et al., 2023; Wasarhaley et al., 2017). Nos Estados Unidos, aproximadamente 41% das mulheres e 26% dos homens sofreram violência sexual, física ou assédio; e mais de 61 milhões de mulheres e 53 milhões de homens foram vítimas de VPI psicológica (Centros de Controlo e Prevenção de Doenças, 2024). De acordo com dados do *Office for National Statistics* (2016), no Reino Unido, as mulheres têm o dobro das probabilidades de serem vítimas de alguma forma de VPI em comparação com os homens. Isto sublinha a necessidade de adotar uma perspetiva inclusiva no estudo da VPI, que permita abordar as experiências de todos os grupos afetados.

Vários fatores de risco comunitários, familiares e individuais têm sido associados à prática de VPI, entre os quais o abuso de substâncias, o nível de apoio social, a exposição prévia à violência familiar, o nível de escolaridade, as dificuldades económicas e o abuso infantil (Robertson et al., 2020). No entanto, nos últimos anos, os traços psicopáticos têm-se revelado uma variável particularmente relevante devido à sua forte associação com diversos comportamentos criminosos, sendo preditores significativos de condutas violentas e antissociais (De Brito et al., 2021; Sica et al., 2023). A psicopatia é considerada um transtorno grave de personalidade caracterizado por uma combinação de sintomas afetivos, interpessoais e comportamentais; e que se manifesta através de uma falta de empatia ou remorso, manipulação interpessoal e impulsividade (Burghart e Mier, 2022; De Brito et al., 2021).

Neste contexto, revela-se especialmente relevante analisar a estrutura interna da psicopatia para compreender a sua associação com este tipo de violência. Em primeiro lugar, a psicopatia geral (também designada por global ou total) refere-se ao construto integral que abrange a totalidade dos défices de personalidade e comportamentos disruptivos. Para o seu estudo empírico, o modelo bifatorial proposto por Hare concebe a psicopatia como um conceito multidimensional composto por dois grandes fatores: o Fator 1 (equivalente à psicopatia primária), que engloba os aspetos afetivos e interpessoais, e o Fator 2 (comparável à psicopatia secundária), relacionado com um estilo de vida impulsivo e comportamentos antissociais (Hare e Neumann, 2008). O Fator 1

abrange as facetas interpessoais, caracterizadas pelo egocentrismo, pela manipulação e pelo charme e superficial; e a faceta afetiva, caracterizada por uma profunda insensibilidade emocional e por um déficit de empatia (Burghart e Mier, 2022; De Brito et al., 2021; Douglas et al., 2015). O Fator 2 abrange a faceta do estilo de vida, caracterizada pela impulsividade e irresponsabilidade; e a faceta antissocial, que inclui comportamentos criminosos e violação das normas sociais (De Brito et al., 2021; Douglas et al., 2015). Nessa linha, o modelo triárquico da psicopatia (Patrick et al., 2009) oferece uma perspectiva complementar ao decompor a psicopatia em três dimensões: ousadia (*boldness*), ligada ao Fator 1; mesquinhez (*meanness*) e desinibição (*disinhibition*), relacionadas com as características do Fator 2. Estas dimensões têm sido associadas de forma diferenciada à VPI. Estudos recentes demonstram que os traços do Fator 2 estão associados a uma maior probabilidade de comportamentos violentos e reincidentes, enquanto os do Fator 1 estão relacionados com uma violência mais instrumental, estratégica e resistente ao tratamento (Fernández-Suárez et al., 2018; Robertson et al., 2020). Esta diferenciação é essencial para compreender a natureza heterogênea dos agressores em contextos de violência íntima e para conceber intervenções mais eficazes.

As evidências sugerem que os indivíduos com traços psicopáticos apresentam maior probabilidade de cometer violência doméstica, taxas mais elevadas de reincidência e maiores dificuldades face aos programas de tratamento (McDonagh et al., 2024; Robertson et al., 2020). Nos últimos anos, a investigação sobre a relação entre a psicopatia e a VPI tem evoluído, incorporando novas abordagens teóricas e metodológicas que não foram plenamente abordadas em revisões anteriores, como as de Fernández-Suárez et al. (2018) e Robertson et al. (2020). Estes trabalhos identificaram diversas limitações na literatura existente, tais como a heterogeneidade das ferramentas utilizadas para avaliar a psicopatia, a inclusão indiscriminada de traços antissociais ou criminosos na definição de psicopatia e a falta de análises diferenciadas de acordo com as dimensões específicas da psicopatia. Face a estas limitações, o objetivo da presente investigação é atualizar a evidência empírica disponível desde 2017 e examinar de forma diferenciada como as diferentes dimensões da psicopatia se associam à gravidade, frequência e tipologia da VPI, complementando os resultados de Fernández-Suárez et al. (2018).

A questão de investigação que orienta esta revisão sistemática, formulada de acordo com o modelo PICOS (Richardson et al., 1995), centra-se em determinar se, em adultos que cometeram violência física, psicológica ou sexual contra os seus parceiros, a presença de dimensões específicas da psicopatia, avaliadas através de instrumentos validados, se associa de forma diferenciada à perpetração, frequência, gravidade ou tipo de violência de parceiro, considerando exclusivamente estudos empíricos de caráter quantitativo.

Atualizar e ampliar o conhecimento disponível nesta área é crucial para compreender os fatores individuais envolvidos na violência de parceiro, bem como para a conceção de intervenções específicas e eficazes. Neste sentido, a análise do papel diferenciado dos traços psicopáticos nos agressores pode oferecer contributos relevantes tanto para o avanço da investigação como para a sua aplicação nos âmbitos clínico e forense.

## 2. METODOLOGIA.

A presente revisão sistemática foi realizada seguindo as diretrizes metodológicas estabelecidas pela declaração PRISMA 2020 (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*; Page et al., 2021), com o objetivo de identificar e analisar estudos empíricos que examinassem a relação entre traços psicopáticos e a prática de violência por parceiro íntimo (*intimate partner violence*, IPV). Esta revisão procura atualizar a evidência disponível desde dezembro de 2017 até ao presente, complementando e atualizando a revisão anterior de Fernández-Suárez et al. (2018).

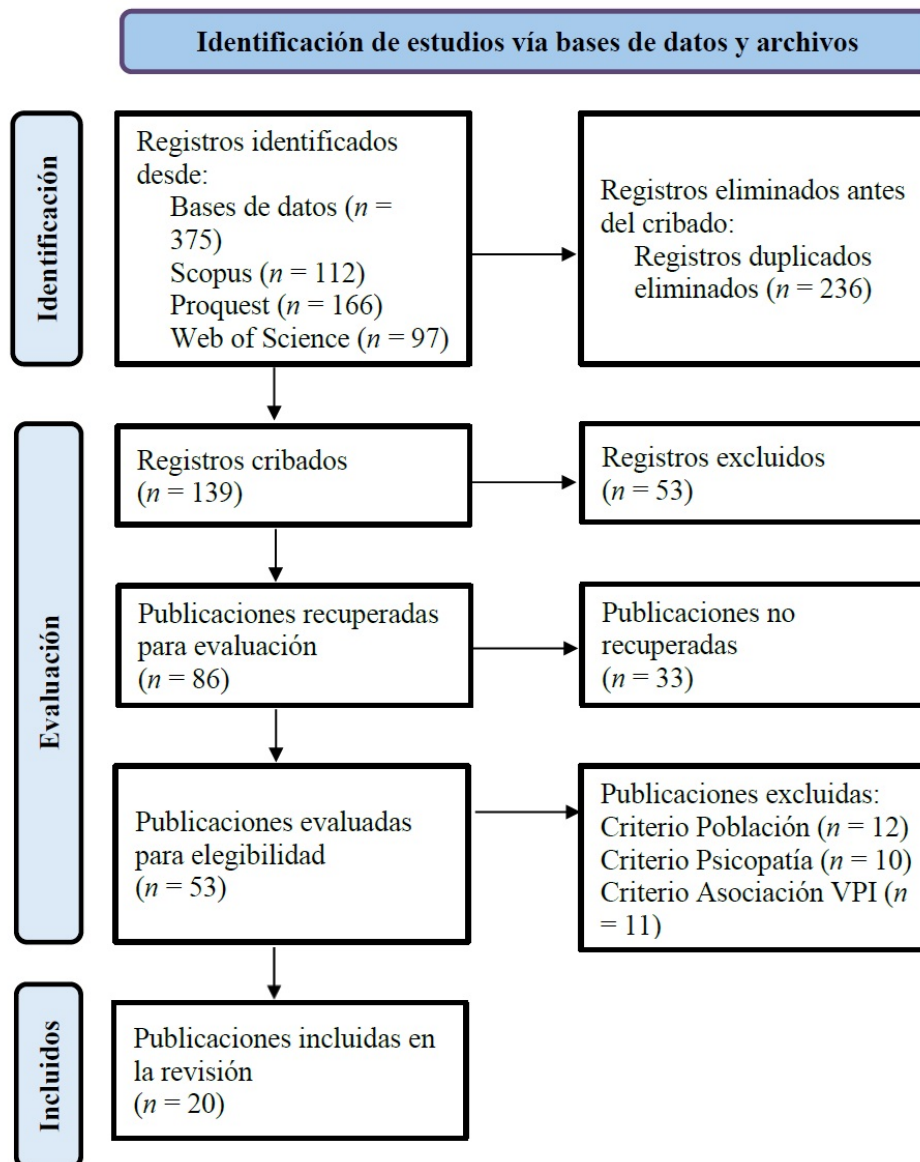
A pesquisa bibliográfica foi realizada em abril de 2025 em três bases de dados: Scopus, ProQuest e *Web of Science Core Collection*. Foi utilizada uma estratégia de pesquisa combinada, recorrendo aos seguintes termos em todas as bases: (*Psychopathy* OR *Psychopathic* OR *Psychopath* OR "*Psychopathic traits*") AND («*Intimate Partner Violence*» OR «*IPV*» OR «*Partner abuse*» OR «*Partner violence*» OR «*Relationship violence*» OR «*batterers*» OR «*Spous abuse*» OR «*Spous\* violence*» OR «*Family Violence*» OR «*Domestic Violence*» OR «*Domestic Abuse*»). Os resultados foram filtrados de modo a incluir apenas artigos científicos publicados entre dezembro de 2017 e abril de 2025, sem restrições de idioma.

Para a seleção dos estudos, foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: investigações empíricas de carácter quantitativo; amostras da população adulta (homens e mulheres) que tivessem cometido violência física, psicológica ou sexual contra os seus parceiros; avaliação das dimensões específicas da psicopatia através de instrumentos psicométricos validados, tais como a *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R), a *Psychopathy Checklist: Screening Version* (PCL:SV), o *Psychopathic Personality Inventory-Revised* (PPI-R), a *Self-Report Psychopathy Scale* (SRP) ou a *Triarchic Psychopathy Measure* (TriPM); e análise direta da relação entre os traços psicopáticos e a VPI, tendo em conta a frequência, a gravidade ou o tipo de violência exercida. Foram incluídos estudos que avaliassem a reincidência como medida indireta da frequência da violência, bem como investigações sobre homicídio de parceiro, por serem consideradas expressões extremas de violência física. Foram excluídos estudos de natureza qualitativa, teórica, revisões, meta-análises, teses ou editoriais, bem como investigações centradas exclusivamente em adolescentes, vítimas, menores expostos à violência, crianças ou profissionais clínicos ou forenses. Da mesma forma, foram excluídas investigações que não avaliassem diretamente a associação entre traços psicopáticos e VPI. Nos casos em que um mesmo artigo incluía vários estudos, foram considerados apenas aqueles que cumpriam os critérios de inclusão definidos.

O processo de seleção dos estudos foi realizado de acordo com as fases estabelecidas no modelo PRISMA 2020 (Page et al., 2021). O fluxo detalhado do processo é apresentado na Figura 1.

Figura 1

Diagrama de flujo de acuerdo con o modelo PRISMA 2020



Para garantir a fiabilidade do proceso de seleção dos estudos, foi realizada uma revisão por pares, na qual dois avaliadores independentes examinaram de forma autónoma os registos identificados, alcançando um nível de concordância excelente ( $\kappa = 0,76$ ). Além disso, foi aplicado um procedimento de dupla codificação para verificar a fiabilidade da extração de dados, obtendo-se uma média dos índices de fiabilidade de 0,84, o que indica um bom nível de concordância de acordo com os padrões convencionais (Orwin, 1994).

A avaliação da qualidade metodológica dos estudos incluídos nesta revisão foi realizada através de ferramentas selecionadas em função do desenho de investigação de cada artigo. A maioria dos estudos era de tipo quantitativo com estratégia associativa, pelo que se utilizou a lista de verificação do *Critical Appraisal Skills Programme* (CASP, 2024) na sua versão específica para estudos de coorte e estudos transversos. No caso de

estudos com desenho de casos e controlos (Brzozowski et al., 2021; Collison e Lynam, 2023; Fox et al., 2022; Halty et al., 2023; Santos-Hermoso et al., 2022), aplicou-se a versão específica do CASP para estudos de caso-controlo (CASP, 2024). O estudo de Babcock e Michonski (2019) foi avaliado através da lista de verificação CASP adaptada a estudos experimentais em psicologia (CASP, 2024). Por fim, os estudos de Shaffer et al. (2021) e Verdugo-Martínez et al. (2025), com um desenho de coorte longitudinal, foram avaliados através da *Lista de Verificação 3 (Estudos de coorte da Scottish Intercollegiate Guidelines Network; SIGN, 2019)* para estudos de coorte. Após a aplicação das respetivas listas de verificação, concluiu-se que todos os artigos apresentavam uma qualidade metodológica global entre média e elevada, pelo que nenhum deles foi excluído com base neste critério.

### 3. RESULTADOS.

Os estudos incluídos nesta revisão envolvem 7 706 participantes (5 476 homens, 2 230 mulheres) em 22 estudos com adultos, recrutados em centros forenses ( $k = 8$ ), na comunidade ( $k = 11$ ) ou numa combinação de ambientes ( $k = 3$ ). Os estudos foram realizados nos Estados Unidos ( $k = 7$ ), no Reino Unido ( $k = 2$ ), em Espanha ( $k = 4$ ), em Portugal ( $k = 3$ ), na Suécia, no Canadá e em Itália (cada um  $k = 1$ ), ou numa combinação de dois países ( $k = 3$ ). Assim, 45,8% dos estudos incluíram amostras europeias. A Tabela 1 apresenta um resumo das principais características e resultados dos estudos analisados.

**Tabela 1**

*Resumo das características dos estudos incluídos na revisão*

<i>Estudos (ano)*</i>	<i>Amostra</i>	<i>Instrumentos de avaliação</i>	<i>Tipo de violência</i>	<i>Resultados</i>
Babcock e Michonski (2019)	$N = 79$ 100% homens País: EUA Idade <i>média</i> = 29,9 (19–52) Amostra comunitária	PPI-SF (Fatores 1 e 2) PAI-BOR CTS2 (violência física, psicológica e sexual) Reconhecimento de emoções + SCR	Física	A psicopatia secundária ( $r = 0,30$ ) e o TBP ( $r = 0,20$ ) estão associados a maior violência; a psicopatia primária não apresenta correlação com a VPI
Brassard et al. (2022)	$N = 226$ 100% homens País: Canadá Idade <i>média</i> = 34,18 (18–69) Amostra clínica/comunitária	LSRP (psicopatia primária e secundária) CTS2	Física, psicológica e sexual (com distinção por gravidade)	A psicopatia secundária prediz um maior VPI psicológico e sexual ( $\beta = 0,26, p < 0,01$ ); a primária está associada negativamente ao VPI físico grave ( $\beta = -0,19, p < 0,05$ )

<i>Estudos (ano)*</i>	<i>Amostra</i>	<i>Instrumentos de avaliação</i>	<i>Tipo de violência</i>	<i>Resultados</i>
Brazil et al. (2023)	<i>N</i> = 286 participantes 50% homens 50% mulheres País: EUA e Canadá Homens: <i>M</i> = 27,2 (18-60) Mulheres: <i>M</i> = 25,8 (18-58) Amostra comunitária	SRP: SF SCIRS (coação sexual) MJS (ciúmes)	Sexual (coação)	A psicopatía total prediz a coação sexual mediada por ciúmes suspeitos ( $\beta = 0,17$ e $0,15$ )
Brzozowski et al., 2021	Est. 1: <i>N</i> = 443 100% mulheres País: Reino Unido Idade <i>média</i> = 19,37 (18-45) Amostra comunitária	CTS2 LSRP PCL-R STAI MCMII-III	Física	Apenas a psicopatía secundária foi significativamente mais elevada nas autoras de atos de violência ( $U = 17,433,5$ , $p = 0,005$ , $r = -0,14$ )
	Est. 2: <i>N</i> = 92 100% mulheres País: Reino Unido Idade <i>média</i> = 19,09 (18-28) Amostra comunitária	CTS2 TriPM (mesquinhez, desinibição, audácia) RPQ	Física	As agressoras obtiveram pontuações mais elevadas nas escalas de mesquinhez ( $U = 2249,5$ , $p = 0,014$ ) e audácia ( $U = 2300,5$ , $p = 0,040$ ), com níveis elevados tanto de agressão reativa como proativa
Collison e Lynam (2023)	<i>N</i> = 307 54,7% mulheres 45,3% homens País: EUA Idade <i>média</i> = 39,4 Amostra comunitária	EPA-SSF PID-5 CTS2 RPQ CAB SCID-II-PQ	Física e psicológica	O EPA total está correlacionado com o VPI físico ( $r = 0,22$ ), psicológico ( $r = 0,23$ ) e proativo ( $r = 0,48$ )

<i>Estudos (ano)*</i>	<i>Amostra</i>	<i>Instrumentos de avaliação</i>	<i>Tipo de violência</i>	<i>Resultados</i>
Cunha, Braga et al. (2021)	<i>N</i> = 152 100% homens País: Portugal Idade <i>média</i> = 42,8 (22–70) Provas forenses e liberdade condicional	PCL-R (total e 4 facetas) IVC (violência física e psicológica)	Física e psicológica	A faceta afetiva prediz uma maior frequência de VPI ( $\beta = 0,239, p < 0,05$ ) e está positivamente relacionada com a pontuação total do IVC ( $\beta = -0,673, p = 0,502$ )
Cunha et al. (2024)	<i>N</i> = 245 100% homens País: Portugal Idade <i>média</i> = 44,14 (22–81) Amostra forense e comunitária	PCL-R IVC	Física e psicológica	Correlação positiva entre psicopatia e frequência do VPI (total, física e psicológica); a faceta interpessoal apresenta correlação significativa com a frequência do VPI psicológico
Cunha, Pinheiro et al. (2021)	<i>N</i> = 279 100% homens; País: Portugal Idade <i>média</i> = 44,29 (22–81) Amostra forense e comunitária	PCL-R IVC	Reincidência Física e psicológica	A faceta antissocial do PCL-R prediz a reincidência geral ( $OR = 1,71$ ) e a reincidência em VPI ( $OR = 2,00$ )
Fox et al. (2022)	<i>N</i> = 99 (57 VPI, 42 violentos não-VPI) 100% homens País: EUA Idade <i>média</i> = 32,4 Amostra forense Grupo de comparação	PCL-R Entrevistas sobre o historial de vida Testes neuropsicológicos	Física (presença/ausência de VPI)	A faceta interpessoal (Fator 1) está associada negativamente à pertença ao grupo de VPI ( $r \approx -0,27$ ); não se observam diferenças nas outras facetas
Golmaryami et al. (2021)	<i>N</i> = 216 77% mulheres 23% homens País: EUA Idade <i>média</i> = 22,93 (18–50) Amostra comunitária	ICU CTS2 SOI-R RCSI PRQC	Física	Os traços CU predizem o VPI físico ( $\beta = 0,15, p < 0,05$ ), a dominância ( $\beta = 0,47, p < 0,001$ ) e uma menor satisfação relacional ( $\beta = -0,19$ )

<i>Estudos (ano)*</i>	<i>Amostra</i>	<i>Instrumentos de avaliação</i>	<i>Tipo de violência</i>	<i>Resultados</i>
Gómez et al. (2021)	<i>N</i> = 92 100% homens; País: Espanha Idade <i>média</i> = 40,33 (22–61) Amostra forense	PCL-R (reagrupado em 6 fatores) Entrevistas estruturadas	Física (agressão grave, tentativa ou consumação de homicídio)	Fatores relacionados com a criminalidade passada, impulsividade e manipulação predizem um maior envolvimento em VPI (modelo $R^2 = 0,53$ )
Halty et al. (2023)	<i>N</i> = 76 100% homens País: Espanha Idade <i>média</i> = 48 (20–86) Amostra forense	PCL-R (total, fatores e facetas) ENHVdG	Homicídio de parceiro	Homicídio associado a pontuações elevadas no Fator I e baixas no Fator II ( $p < 0,0001$ , $d = 0,85$ ), especialmente com pontuações elevadas na faceta afetiva ( $M = 5,17$ , $DP = 2,68$ )
Hoffmann e Verona (2021)	<i>N</i> = 300 57% homens 43% mulheres País: EUA Idade <i>média</i> = 34,8 (18–62) Amostra da comunidade com antecedentes criminais/de consumo de substâncias	PCL:SV (4 dimensões) CTS2 (coação sexual e violência física)	Sexual (coação) e física como covariáveis	Mulheres: a faceta interpessoal prediz a coação total e a coação menor ( $IRR = 1,50$ e $1,45$ , respetivamente) e a faceta antissocial prediz a coação sexual grave ( $IRR = 2,56$ ) Homens: a faceta interpessoal está correlacionada com a coação total ( $r = 0,19$ , $p < 0,05$ )
Mejia et al. (2020)	Est. 2: <i>N</i> = 125 53% mulheres 47% homens País: EUA Idade <i>média</i> = 36,74 Amostra comunitária	TriPM TLS CTS2 SOI	Física e psicológica	A mesquinhez e a desinibição predizem a VPI física ( $B = 0,27$ e $0,31$ , respetivamente) e psicológica ( $B = 0,32$ e $0,35$ , respetivamente)

<i>Estudos (ano)*</i>	<i>Amostra</i>	<i>Instrumentos de avaliação</i>	<i>Tipo de violência</i>	<i>Resultados</i>
Plouffe et al. (2022)	Estudo 1: <i>N</i> = 399 (109 homens, 290 mulheres) País: Canadá e EUA Idade <i>média</i> = 18,74 (18-34) Amostra comunitária	SRP-III (Fatores 1 e 2) CTS2 NPI MACH-IV ASP	Física e psicológica	O fator 2 de psicopatia prediz o VPI psicológico ( <i>IRR</i> = 1,40) e uma maior frequência tanto na vertente física ( $\beta = 0,22, p < 0,01$ ) como na psicológica ( $\beta = 0,38, p < 0,001$ )
	Estudo 2: <i>N</i> = 360 (153 homens, 207 mulheres) País: Canadá e EUA Idade <i>média</i> = 34,39 (18-73) Amostra comunitária	SRP-III CTS2 NPI MACH-IV ASP	Gravidade da violência física	O fator 2 prediz maior gravidade na violência física ( $\beta = 0,21, p = 0,004$ )
Santos-Hermoso et al. (2022)	<i>N</i> = 97 100% homens País: Espanha Idade <i>média</i> = 46,4 (20–86) Amostra forense	PCL-R (4 dimensões) VPR Base de dados ENHVdG	Física (letal), psicológica, controle (económico/laboral)	Pontuações elevadas no Fator 2 e na faceta antissocial estão associadas a uma maior probabilidade de VPI, especialmente de natureza psicológica ( $p = 0,043$ e $p = 0,001$ , respetivamente)
Shaffer et al. (2021)	<i>N</i> = 885 100% homens País: EUA Idades entre os 18 e os 25 anos Amostra forense	PCL: YV (psicopatia juvenil) Autoavaliações anuais	Física	O fator 2 (impulsividade/comportamento antissocial) prediz a pertença ao grupo de VPI elevado ( <i>OR</i> = 1,12, $p = 0,013$ )

<i>Estudos (ano)*</i>	<i>Amostra</i>	<i>Instrumentos de avaliação</i>	<i>Tipo de violência</i>	<i>Resultados</i>
Sica et al. (2023)	<i>N</i> = 1 149 45,8% mulheres 54,2% homens País: Itália Idade <i>média</i> = 31,3 Amostra comunitária	TriPM Questionário adaptado do tNISVS	Física e psicológica	A desinibição prediz a VPI física ( $\beta = 1,00$ ) e psicológica ( $\beta = 1,10$ ); a mesquinhez prediz a VPI nas mulheres ( $\beta = 0,64$ psicológica e 0,97 física); a audácia está associada negativamente à VPI psicológica
Sjödín et al. (2018)	<i>N</i> = 171 100% homens País: Suécia Idade <i>média</i> = 21,9 (18–25) Amostra forense (jovens detidos)	PCL-R PPPAS AQ-RSV LHA	Física e psicológica	O Fator 2 (estilo de vida/antisocial) é significativamente mais elevado no grupo de elevada violência ( $d = 0,98$ ); associação com a frequência e a gravidade
Verdugo-Martínez et al. (2025)	<i>N</i> = 1628 100% homens País: Espanha Idade <i>média</i> = 38,99 (20–82) Amostra forense	LSRP (psicopatia primária e secundária) BIS-11 MSI-BPD	Reincidência em VPI (sem tipo específico de violência)	A psicopatia primária aumenta o risco de reincidência em 2% por cada ponto de psicopatia; a impulsividade, em 3% (modelo de Cox)

\* Os estudos são apresentados por ordem alfabética, com base no apelido do primeiro autor.  
 Nota. Na secção «abreviaturas» é possível consultar o significado de cada uma das abreviaturas que aparecem na tabela.

### 3.1. ASSOCIAÇÃO ENTRE PSICOPATIA E COMISSÃO DE VPI.

Os resultados confirmam a existência de associações significativas entre a psicopatia e a perpetração de VPI, em consonância com o apontado por Robertson et al. (2020). Fox et al. (2022) constataram que os agressores em relações de casal apresentavam pontuações significativamente mais elevadas na psicopatia total ( $W = 850,0$ ,  $p < 0,05$ ,  $r = -0,25$ ) em comparação com outros criminosos violentos. A evidência empírica aponta para uma relação significativa entre a pontuação total em psicopatia e a probabilidade de apresentar trajetórias de violência física persistente (Shaffer et al., 2021), bem como correlações com agressões físicas e psicológicas (Collison e Lynam, 2023; Santos-Hermoso et al., 2022).

Por outro lado, a investigação de Cunha et al. (2024) demonstrou que a psicopatia global previa de forma significativa a frequência da VPI ( $\beta = 0,13$ ,  $p = 0,041$ ), replicando resultados anteriores, como os de Cunha, Braga et al. (2021), que evidenciaram que as

pontuações totais do PCL-R prediziam significativamente a frequência total de VPI, e as de Brazil et al. (2023), que identificaram uma associação significativa entre a psicopatia global e níveis mais elevados de coação sexual. Fica assim demonstrado que a psicopatia total está significativamente associada à perpetração de VPI, embora a magnitude dessa associação possa variar em função das facetas específicas avaliadas, do tipo de violência exercida, do gênero do agressor e do contexto de avaliação.

### 3.2. RELAÇÃO DIFERENCIAL ENTRE AS DIMENSÕES DA PSICOPATIA E OS TIPOS DE VIOLÊNCIA.

A literatura demonstra que a psicopatia global nem sempre prevê com precisão a VPI, sendo necessário decompor essa dimensão para identificar efeitos diferenciados. Vários estudos analisaram a forma como as facetas específicas da psicopatia se relacionam com os diferentes tipos de VPI (física, psicológica e sexual). A partir do modelo de Hare, as evidências concordam que o Fator 2 está significativamente associado à violência física e psicológica ( $U = 17,433,5$ ,  $p = 0,005$ ,  $r = -0,14$ ;  $d = 0,98$ ) (Brzozowski et al., 2021; Plouffe et al., 2022; Santos-Hermoso et al., 2022; Sjödin et al., 2018). A faceta interpessoal apresenta associações significativas com a violência psicológica e a coação sexual (Fox et al., 2022; Hoffmann e Verona, 2021). Além disso, os traços de insensibilidade emocional e frieza (*callous-unemotional*), considerados a componente afetiva da psicopatia, foram significativamente associados à agressão física ( $\beta = 0,15$ ,  $p < 0,05$ ) (Golmaryami et al., 2021).

A partir do modelo triárquico da psicopatia, também foram evidenciadas relações diferenciadas consoante a dimensão avaliada. As mulheres agressoras tendiam a apresentar níveis elevados de mesquinhez ( $U = 2249,5$ ,  $p = 0,014$ ,  $r = -0,25$ ) e audácia ( $U = 2300,5$ ,  $p = 0,040$ ,  $r = -0,21$ ) (Brzozowski et al., 2021; Mejia et al., 2020). De forma semelhante, Collison e Lynam (2023) constataram que o antagonismo e a desinibição se correlacionam com a agressão psicológica ( $r = 0,27$  e  $0,22$ , respetivamente) e física ( $r = 0,26$  e  $0,30$ , respetivamente). Por fim, Sica et al. (2023) salientaram que a desinibição constituía um preditor robusto de todos os tipos de VPI, enquanto a audácia se associava negativamente à violência psicológica ( $\beta = -0,23$ , IC 95% =  $-0,30$  a  $-0,04$ ).

### 3.3. RELAÇÃO ENTRE TRAÇOS PSICOPÁTICOS E GRAVIDADE DA VPI.

No que diz respeito à gravidade da VPI, Brassard et al. (2022) constataram que a psicopatia primária previa as formas mais graves de violência psicológica ( $\beta = 0,189$ ,  $p = 0,007$ ) e sexual ( $\beta = 0,192$ ,  $p = 0,003$ ), enquanto a psicopatia secundária se associava apenas à violência psicológica de menor gravidade ( $\beta = 0,173$ ,  $p = 0,024$ ). De acordo com os resultados apresentados por Hoffmann e Verona (2021), nas mulheres, a faceta antissocial está significativamente associada à coação sexual grave e a faceta interpessoal prediz de forma significativa a coação de menor gravidade. Em contextos de feminicídio, a evidência empírica apresentada por Halty et al. (2023) mostra que o Fator 1 foi significativamente mais elevado entre os homicidas, especialmente na sua componente afetiva ( $M = 5,17$ ,  $DP = 2,68$ ). Por fim, Plouffe et al. (2022) identificaram o Fator 2 como o único preditor significativo do recurso a respostas violentas graves em cenários hipotéticos ( $\beta = 0,21$ ,  $p = 0,004$ ).

### 3.4. DIFERENÇAS NA FREQUÊNCIA E NA REINCIDÊNCIA DE ACORDO COM AS FACETAS DA PSICOPATIA.

Os resultados relativos à frequência e à reincidência no VPI revelam um papel relevante de certas dimensões psicopáticas. Observa-se que tanto a faceta afetiva ( $\beta = 0,239$ ,  $p < 0,05$ ) como a pontuação total do PCL-R ( $\beta = 0,229$ ,  $p < 0,01$ ) são preditores significativos da frequência total de violência (Cunha, Braga et al., 2021), enquanto que a faceta interpessoal foi associada especificamente à frequência da violência psicológica ( $r = 0,21$ ,  $p < 0,01$ ) (Cunha et al., 2024). Da mesma forma, a psicopatia secundária foi relacionada com a frequência da violência física (Babcock e Michonski, 2019). Estas conclusões são reforçadas por investigações que destacam que os jovens com níveis elevados no Fator 2 apresentam padrões de violência mais frequentes e agressivos, prevendo assim trajetórias de violência física elevada e persistente (OR = 1,12,  $p = 0,013$ ) (Shaffer et al., 2021; Sjödin et al., 2018).

No que diz respeito à reincidência, Cunha, Pinheiro et al. (2021) identificaram a faceta antissocial como o único preditor psicopático significativo da reincidência de VPI (OR = 2,001,  $p < 0,01$ ). De forma complementar, Verdugo-Martínez et al. (2025) demonstraram que a psicopatia primária aumentava o risco de reincidência em 2% por ponto adicional, enquanto a impulsividade o aumentava em 3%.

## 4. DISCUSSÃO.

Esta revisão teve como objetivo analisar a literatura existente sobre a relação entre psicopatia e VPI. Enquanto revisões sistemáticas anteriores se centraram em confirmar a inegável associação geral entre ambos os constructos (Fernández-Suárez et al., 2018; Robertson et al., 2020), o contributo específico deste trabalho reside na desconstrução empírica dessa relação através de uma análise dimensional atualizada. Ultrapassar a visão da psicopatia como um constructo unitário é fundamental, uma vez que englobar todas as facetas sob uma pontuação global mascara as dinâmicas subjacentes à agressão.

Neste sentido, os resultados apresentados reforçam que nem todas as facetas da psicopatia contribuem da mesma forma, nem se associam aos mesmos tipos de violência. Em primeiro lugar, verificou-se uma relação consistente entre as facetas antissocial e afetiva e a prática de violência por parceiro íntimo (VPI), tanto física como psicológica e sexual (Brassard et al., 2022; Cunha, Braga et al., 2021; Cunha et al., 2024). Mais especificamente, a faceta afetiva prediz padrões de violência instrumental, enquanto a faceta antissocial está mais associada a um tipo de violência impulsiva (Plouffe et al., 2022; Sica et al., 2023; Sjödin et al., 2018). Estes padrões estão em consonância com os propostos por outras investigações que associam o fator 1 a perfis instrumentais e de violência planeada e o fator 2 à violência reativa geral e à impulsividade (Kennealy et al., 2010; Ojanen e Findley-Van Nostrand, 2019; Swogger et al., 2007), salientando a importância de distinguir as facetas da psicopatia para compreender os mecanismos subjacentes à VPI. Uma possível explicação para esses efeitos diferenciais poderá residir nos mecanismos psicofisiológicos. Babcock e Michonski (2019) demonstraram que a psicopatia primária está associada à hipoativação emocional, favorecendo a violência instrumental, enquanto a secundária está ligada a uma hiperreatividade emocional compatível com a violência reativa, replicando parcialmente os resultados de Armenti e Babcock (2018) sobre a moderação da empatia afetiva.

Alguns autores defendem que os agressores de parceiros constituem um perfil específico no seio dos criminosos violentos (Espinosa-Gárate et al., 2025; Suevos-Rodríguez et al., 2026). Fox et al. (2022) constataram que a dimensão interpessoal distingue estes agressores de outros criminosos, sugerindo uma violência mais planeada, desprovida de inibições emocionais ou morais e estável, o que representa um fator de risco prospectivo para a VPI. Isto coincide com as conclusões de Halty et al. (2023) sobre a violência letal e com os modelos fatoriais específicos propostos por Gómez et al. (2021), que identificam variáveis como a impulsividade, a versatilidade criminal e a falta de empatia como preditores robustos de violência grave.

No que diz respeito aos fatores contextuais, variáveis como a exposição à violência entre os pais durante a infância ou à violência contra as mulheres por parte do parceiro (Cunha et al., 2024; Ríos Lechuga et al., 2024), violência no namoro (Arrojo et al., 2024) ou trajetórias antissociais durante a adolescência (Shaffer et al., 2021) posicionam-se como preditores relevantes tanto da psicopatia como da VPI na idade adulta. Além disso, variáveis como a impulsividade, os ciúmes patológicos, o consentimento sexual (Gómez-Pulido et al., 2024) ou fatores do historial criminal medeiam a relação entre a psicopatia e a VPI, contribuindo com novas vias explicativas (Brazil et al., 2023; Cunha, Pinheiro et al., 2021; Gómez et al., 2021).

Embora não fosse um objetivo específico, os resultados revelam um perfil diferenciado em termos de género na relação entre psicopatia e VPI. Apesar de as amostras femininas terem sido menos estudadas, confirma-se que as mulheres perpetradoras tendem a apresentar níveis mais elevados de psicopatia secundária, mesquinhez e controlo verbal (Brzozowski et al., 2021; Hoffmann e Verona, 2021), desafiando estereótipos anteriores de uma violência feminina puramente reativa (Palumbo et al., 2020; Savard et al., 2015). Isto realça a necessidade de incluir o género como moderador em futuras investigações, além de ter em conta padrões demográficos e possíveis tendências temporais (Gracia et al., 2025).

Apesar dos avanços metodológicos em relação a trabalhos anteriores, esta revisão não está isenta de limitações. Em primeiro lugar, a maioria dos estudos incluídos apresenta desenhos transversais, o que impede o estabelecimento de relações causais claras, o traçado de trajetórias evolutivas da violência ou a observação do desenvolvimento de traços psicopáticos. Além disso, a heterogeneidade nos instrumentos utilizados para a avaliação da psicopatia dificulta a comparação direta dos resultados e pode introduzir enviesamentos na interpretação ao trabalhar com diferentes definições das dimensões da psicopatia. A isto acrescentam-se as limitações existentes na medição da violência, uma vez que muitos estudos se baseiam exclusivamente em auto-relatos dos agressores, sem contrastar a informação com as vítimas, o que pode introduzir enviesamentos de desejabilidade social e resultar numa subestimação ou distorção dos comportamentos violentos. Outra lacuna é a escassa investigação sobre a violência sexual, económica (ver Pineda-Rojas et al., 2025) ou a coação psicológica como formas específicas de VPI, apesar da sua crescente relevância. Da mesma forma, a falta de medidas psicofisiológicas impossibilita a compreensão dos mecanismos subjacentes ao comportamento violento. Por último, persiste uma sobrerrepresentação de amostras masculinas e ocidentais, o que impede a realização de investigações sobre diferenças de género e limita a generalização dos resultados.

Apesar destas limitações, os resultados apresentam importantes repercussões clínicas e forenses. Salienta-se a necessidade de avaliar de forma diferenciada as facetas da psicopatia, uma vez que estas podem prever padrões e graus distintos de violência, o risco de reincidência e até facilitar a identificação dos perfis dos agressores (Cunha, Pinheiro et al., 2021; Fox et al., 2022; Granda-Vivas e Moral-Jiménez, 2025; Halty et al., 2023). Esta diferenciação é fundamental para conceber intervenções adaptadas ao perfil específico do agressor, aumentando assim a sua eficácia. Os programas de tratamento devem ser ajustados, integrando estratégias específicas para lidar com a impulsividade, a desregulação emocional e o desenvolvimento de competências interpessoais na psicopatia secundária; e abordar as dinâmicas de poder, controlo e manipulação que dificultam a aliança terapêutica na psicopatia primária (Häkkanen-Nyholm, 2012; Savard et al., 2011). Além disso, os resultados apoiam o desenvolvimento de programas preventivos dirigidos a adolescentes expostos à violência familiar, com vista a mitigar a perpetuação intergeracional deste problema. Por outro lado, destaca-se a necessidade de considerar variáveis moduladoras, como a empatia, o historial de abuso infantil, os ciúmes ou a impulsividade, para melhorar a avaliação do risco de reincidência e a eficácia dos programas de intervenção. Nesta linha, é necessário realizar um acompanhamento a longo prazo após o tratamento, avaliando o risco de forma contínua.

Com vista a futuras investigações, é essencial colmatar as limitações apresentadas, incorporando desenhos longitudinais para analisar trajetórias evolutivas. Da mesma forma, é necessária a inclusão de amostras femininas e de estudos comparativos por género, bem como a investigação sobre os mecanismos subjacentes à VPI, incluindo modelos explicativos multifatoriais que considerem tanto variáveis de personalidade como fatores históricos e contextuais. Por último, seria necessário incorporar a perspetiva das vítimas e utilizar medidas multimétodo para superar as limitações do auto-relato e avançar para modelos explicativos mais abrangentes. Estas conclusões não só enriquecem o conhecimento sobre o fenómeno, como também proporcionam novas oportunidades para a conceção de intervenções mais humanas, sensíveis e eficazes, além de contribuírem para a realização de peritagens (por exemplo, Palomares-Rodríguez et al., 2024).

## 5. CONCLUSÕES.

A presente revisão vai além da mera confirmação de uma premissa teoricamente esperada, como é a associação geral entre traços psicopáticos e VPI. A sua verdadeira justificação e valor residem nas implicações práticas e forenses decorrentes da diferenciação clínica entre as dimensões da psicopatia. Os resultados demonstram de forma decisiva que o perfil do agressor não é homogéneo e, por conseguinte, a abordagem não pode ser padronizada.

É de especial interesse adotar uma abordagem multifatorial e diferenciar entre uma violência proativa, instrumental e coerciva (própria da psicopatia primária ou Fator 1) e uma agressão reativa, impulsiva e desregulada (característica da psicopatia secundária ou Fator 2). Por um lado, os agressores com predominância de psicopatia primária — associada ao controlo coercivo, à manipulação e a uma potencial falsa aliança terapêutica — requerem estratégias centradas fundamentalmente na contenção rigorosa e na gestão objetiva do risco. Por outro lado, um perfil dominado pela psicopatia secundária — caracterizado por elevada reatividade e um estilo de vida instável — exige intervenções intensivas centradas na regulação emocional e no controlo da impulsividade.

Em suma, a análise dimensional da psicopatia não constitui apenas um aperfeiçoamento teórico, mas sim o pilar fundamental para aperfeiçoar as ferramentas de avaliação de risco. Além disso, permitir-nos-á otimizar a tomada de decisões no âmbito penitenciário e conceber intervenções mais eficazes, sensíveis a cada perfil e verdadeiramente orientadas para a redução da reincidência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- Ali, P. A., Dhingra, K. e McGarry, J. (2016). Uma revisão da literatura sobre a violência por parceiro íntimo e as suas classificações. *Aggression Violent Behavior, 31*, 16-25. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2016.06.008>
- Armenti, N. A., e Babcock, J. C. (2018). Perfis de reatividade psicofisiológica de homens violentos com os seus parceiros que apresentam traços de personalidade limítrofe ou psicopática: o papel da empatia. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 62*(11), 3337–3354. <https://doi.org/10.1177/0306624X17740029>
- Arrojo, S., Martín-Fernández, M., Lila, M., Conchell, R. e Gracia, E. (2024). A escala de gravidade percebida da violência no namoro entre adolescentes (PS-ADV): Um estudo de validação. *European Journal of Psychology Applied to Legal Context, 16*(1), 27-36. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2024a3>
- Babcock, J. C., e Michonski, J. D. (2019). Sensibilidade ao afeto facial em homens violentos com o parceiro: o papel dos traços psicopáticos e borderline. *Journal of Aggression Conflict and Peace Research, 11*(3), 213–224. <https://doi.org/10.1108/JACPR-12-2018-0396>
- Brassard, A., Gagnon, C., Claing, A., Dugal, C., Savard, C. e Péloquin, K. (2022). Poderão o apego romântico e a psicopatia explicar, em simultâneo, as formas e a gravidade da violência exercida contra o parceiro íntimo em homens que procuram tratamento? *Partner Abuse, 13*(1), 123–142. <https://doi.org/10.1891/PA-2021-0008>
- Brazil, K. J., Vance, G., Zeigler-Hill, V., e Shackelford, T. K. (2023). A psicopatia masculina e o esforço de acasalamento nas relações íntimas: ligações com o ciúme e a coação sexual. *Archives of Sexual Behavior, 52*(6), 2421–2432. <https://doi.org/10.1007/s10508-023-02587-6>
- Breiding, M., Basile, K. C., Smith, S. G., Black, M. C. e Mahendra, R. R. (2015). *Vigilância da violência por parceiro íntimo: definições uniformes e elementos de dados recomendados. Versão 2.0*. Centro Nacional para a Prevenção e Controlo de Lesões, Centros de Controlo e Prevenção de Doenças. <https://stacks.cdc.gov/view/cdc/31292>
- Brzozowski, A., Gillespie, S. M., Dixon, L. e Mitchell, I. J. (2021). Função autonómica cardíaca e características psicológicas de mulheres heterossexuais autoras de agressão física por parceiro íntimo. *Journal of Interpersonal Violence, 36*(7–8), 3638–3661. <https://doi.org/10.1177/0886260518775748>
- Burghart, M. e Mier, D. (2022). Sem sentimentos por mim, sem sentimentos por ti: uma meta-análise sobre a alexitimia e a empatia na psicopatia. *Personality and Individual Differences, 194*, 111658. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2022.111658>

- Centros de Controlo e Prevenção de Doenças. (16 de maio de 2024). *Sobre a violência por parte do parceiro íntimo*. <https://www.cdc.gov/intimate-partner-violence/about/index.html>CDC
- Collison, K. L. e Lynam, D. R. (2023). Traços de personalidade, perturbações de personalidade e agressão: uma comparação entre a violência por parceiro íntimo e a agressão por parceiro não íntimo. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 45(2), 294–307. <https://doi.org/10.1007/s10862-022-10001-z>
- Critical Appraisal Skills Programme (CASP). (2024). *Listas de verificação do CASP*. CASP UK. <https://casp-uk.net/casp-tools-checklists/>
- Cunha, O., Braga, T., e Gonçalves, R. A. (2021). Psicopatia e violência por parceiro íntimo. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(3–4), NP1720–NP1738. <https://doi.org/10.1177/0886260518754870>
- Cunha, O., Cruz, A. R., De Castro Rodrigues, A., Gonçalves, R. A. e Peixoto, M. M. (2024). A psicopatia medeia a relação entre a exposição à violência por parceiro íntimo na infância e a prática de violência por parceiro íntimo na idade adulta? *Criminology & Criminal Justice*. <https://doi.org/10.1177/17488958241270798>
- Cunha, O., Pinheiro, M., e Gonçalves, R. A. (2021). Violência por parceiro íntimo, psicopatia e reincidência: os traços psicopáticos diferenciam os infratores primários dos reincidentes? *Victims & Offenders*, 16(6), 750–775. <https://doi.org/10.1080/15564886.2021.1885545>
- De Brito, S. A., Forth, A. E., Baskin-Sommers, A. R., Brazil, I. A., Kimonis, E. R., Pardini, D., Frick, P. J., Blair, R. J. R. e Viding, E. (2021). Psicopatia. *Nature Reviews Disease Primers*, 7(1). <https://doi.org/10.1038/s41572-021-00282-1>
- Douglas, K. S., Nikolova, N. L., Kelley, S. E. e Edens, J. F. (2015). Psicopatia. Em B. L. Cutler e P. A. Zapf (Eds.), *APA handbook of forensic psychology* (Vol. 1, pp. 257–323). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/14461-009>
- Espinosa-Gárate, P., Quevedo-Blasco, R., López-Vallejo, S., e Burneo-Garcés, C. (2025). Agressão na população prisional por género e nível de segurança: uma abordagem utilizando o Inventário de Avaliação da Personalidade. *Journal of Psychiatric Research*, 190, 137-144. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2025.07.010>
- Fernández-Suárez, A., Pérez, B., Herrero, J., Juarros-Basterretxea, J., e Rodríguez-Díaz, F. J. (2018). O papel dos traços psicopáticos entre homens que praticam violência contra o parceiro íntimo: uma revisão sistemática. *Revista Ibero-Americana de Psicologia e Saúde*, 9(2), 84–114. <https://doi.org/10.23923/j.rips.2018.02.017>
- Fox, J. M., Reilly, J. L., Kosson, D. S., Brown, A., Hanlon, R. E. e Brook, M. (2022). Diferenciar os autores de violência por parceiro íntimo de outros agressores violentos utilizando um modelo de aprendizagem estatística: O papel das variáveis cognitivas e do percurso de vida. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(3–4), 1106–1132. <https://doi.org/10.1177/0886260520918567>

- Gerino, E., Caldarera, A. M., Curti, L., Brustia, P., e Rollè, L. (2018). Violência por parceiro íntimo na terceira idade: revisão sistemática dos fatores de risco e de proteção. *Frontiers in Psychology*, 9, 1595. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01595>
- Golmaryami, F. N., Vaughan, E. P. e Frick, P. J. (2021). Traços de insensibilidade e falta de emoção e relações românticas. *Personality and Individual Differences*, 168, 110408. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110408>
- Gómez, J., Ortega-Ruiz, R., Clemente, M. e Casas, J. A. (2021). Agressão por parte do parceiro íntimo cometida por reclusos com perfil psicopático. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(10), 5141. <https://doi.org/10.3390/ijerph18105141>
- Gómez-Pulido, E., Garrido-Macías, M., Miss-Ascencio, C., e Expósito, F. (2024). À sombra da violência de género: uma exploração do consentimento sexual através das experiências de mulheres universitárias espanholas. *European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 16(2), 111-123. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2024a10>
- Gracia, E., Escobar-Hernández, P., López-Quílez, A., Marco, M., Lila, M., e López-Ossorio, J. J. (2025). Registos policiais de violência por parceiro íntimo contra mulheres em Espanha: uma análise de oito anos dos padrões demográficos e tendências temporais. *European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 17(2), 59-71. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2025a6>
- Granda-Vivas, C., e Moral-Jiménez, M. de la V. (2025). Dependência emocional, autoengano e mitos do amor romântico: negação patológica nas relações de casal. *Revista Ibero-Americana de Psicologia e Saúde*, 16(1), 1-9. <https://doi.org/10.70478/rips.2025.16.01>
- Häkkinen-Nyholm, H. (2012). Psicopatia nas famílias: implicações para entrevistas clínicas e processos civis. Em H. Häkkinen-Nyholm e J.-O. Nyholm (Eds.), *Psicopatia e direito: um guia para profissionais* (pp. 235–259). Wiley Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9781119944980.ch12>
- Halty, L., Horcajo-Gil, P. J., Mesa, G. P., López-Ossorio, J. J., e González-Álvarez, J. L. (2023). Prevalência da psicopatia, homicídio por parceiro íntimo e risco de suicídio em Espanha. *Anuário de Psicologia Jurídica*, 33(1), 83-89. <https://doi.org/10.5093/apj2023a1>
- Hare, R. D. e Neumann, C. S. (2008). A psicopatia como constructo clínico e empírico. *Annual Review of Clinical Psychology*, 4, 217–246. <https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.3.022806.091452>
- Hoffmann, A. M. e Verona, E. (2021). Traços psicopáticos e coação sexual contra parceiros românticos em homens e mulheres. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(3–4), NP1788–NP1809. <https://doi.org/10.1177/0886260518754873>

- Kennealy, P. J., Skeem, J. L., Walters, G. e Camp, J. (2010). Será que os traços interpessoais e afetivos centrais da psicopatia, segundo o PCL-R, interagem com o comportamento antissocial e a desinibição para prever a violência? *Psychological Assessment*, 22(3), 569–580. <https://doi.org/10.1037/a0019618>
- McDonagh, T., Travers, Á., Armour, C., Cunningham, T. e Hansen, M. (2024). Preditores psicológicos de reincidência em autores de violência por parceiro íntimo: uma revisão sistemática exploratória. *Trauma, Violence, & Abuse*, 6(3), 560-581. <https://doi.org/10.1177/15248380241284793>
- Mejia, C. Y., Donahue, J. J., e Farley, S. D. (2020). Malicioso, indelicado e agressivo: associações divergentes entre a psicopatia triárquica, elementos do amor e comportamentos relacionais cáusticos. *Journal of Social and Personal Relationships*, 37(4), 1193–1215. <https://doi.org/10.1177/0265407519890414>
- Niehaus, K., Fontao, M. I., Garrido Antón, M. J., e Quevedo-Blasco, R. (2025). Características e correlatos do cibercontrole em casos espanhóis de violência de género. *Anales de Psicología / Annals of Psychology*, 41(3), 290-302. <https://doi.org/10.6018/analesps.664431>
- Gabinete Nacional de Estatística. (2016). *Violência íntima e abuso por parte do parceiro*. <https://www.ons.gov.uk/peoplepopulationandcommunity/crimeandjustice/compendium/focusonviolentcrimeandsexualoffences/yearendingmarch2015/chapter4intimatepersonalviolenceandpartnerabuse>
- Ojanen, T., e Findley-Van Nostrand, D. (2019). Psicopatia afetivo-interpessoal e impulsivo-antisocial: ligações com objetivos sociais e formas de agressão em jovens e adultos. *Psychology of Violence*, 9(1), 56–66. <https://doi.org/10.1037/vio0000160>
- Orwin, R. G. (1994). Avaliação das decisões de codificação. Em H. Cooper e L. V. Hedges (Eds.), *The handbook of research synthesis* (pp. 139–162). Russell Sage Foundation.
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Whiting, P., Savović, J., Stewart, L. A., Glasziou, P., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Loannidis, J. P. A., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., Miceel, J., e Moher, D. (2021). A declaração PRISMA 2020: Uma diretriz atualizada para a apresentação de revisões sistemáticas. *BMJ*, 372, n.º 71. <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>
- Palomares-Rodríguez, J. M., Bustos-Berruezo, A., Calatrava-Urán, J. L. e Quevedo-Blasco, R. (2024). Contra-parecer psicológico pericial em casos de abuso sexual infantil. *Revista Ibero-Americana de Psicología e Saúde*, 15(1), 27-37. <https://doi.org/10.23923/j.rips.2024.01.073>
- Palumbo, I. M., Perkins, E. R., Yancey, J. R., Brislin, S. J., Patrick, C. J. e Latzman, R. D. (2020). Rumo a um modelo de medição multimodal para o traço neurocomportamental da capacidade de afiliação. *Personality Neuroscience*, 3, e11. <https://doi.org/10.1017/pen.2020.9>

- Patrick, C. J., Fowles, D. C. e Krueger, R. F. (2009). Conceitualização triárquica da psicopatia: origens do desenvolvimento da desinibição, ousadia e maldade. *Development and Psychopathology*, 21(3), 913–938. <https://doi.org/10.1017/S0954579409000492>
- Pineda-Rojas, V. R., Jiménez-Jiménez, M. A., Flores-Lazo, E. T., Silva-Córdova, R. M., Burgos-Benavides, L., e Rodríguez-Díaz, F. J. (2025). Manifestações de violência económica: estratégias de enfrentamento em mulheres em situação de pobreza. *Revista Ibero-Americana de Justiça Terapêutica*, 10, IJ-VI-CLIV-151. <https://ar.ijeditores.com/pop.php?option=articulo&Hash=4034c9f4747e4163ec8d810606bd105d>
- Plouffe, R. A., Wilson, C. A. e Saklofske, D. H. (2022). O papel dos traços de personalidade sombria na violência por parceiro íntimo: uma investigação com vários estudos. *Current Psychology*, 41, 3481–3500. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-00871-5>
- Richardson, W. S., Wilson, M. C., Nishikawa, J. e Hayward, R. (1995). A questão clínica bem formulada: uma chave para decisões baseadas em evidências. *ACP Journal Club*, 123(3), A12-13.
- Ríos Lechuga, J. C., Alarcón Cuenca, J. M., e López-Zafra, E. (2024). Desenvolvimento de um índice para avaliar o risco das crianças serem instrumentalizadas em contextos de violência por parceiro íntimo contra as mulheres. *European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 16(2), 77-86. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2024a7>
- Robertson, E. L., Walker, T. M. e Frick, P. J. (2020). Perpetradores de violência por parceiro íntimo e psicopatia: uma revisão abrangente. *European Psychologist*, 25(2), 134–145. <https://doi.org/10.1027/1016-9040/a000397>
- Sánchez, A. I., Maroto, L., Rubiano, S., Berzosa Sáez, C., Quevedo-Blasco, R., Astudillo-Reyes, K. e Martínez, M. P. (2024). Eficácia do Programa reGENER@r nas competências socioemocionais e nas crenças sexistas em autores de violência de género: um estudo-piloto em Espanha. *Behavioral Sciences*, 14, 1194. <https://doi.org/10.3390/bs14121194>
- Sánchez, A. I., Fernández, A., Lorite, A., Berzosa Sáez, C., Miró, E., Martínez, M. P., e Quevedo-Blasco, R. (2025). Perfil sociodemográfico e psicológico de infratores submetidos a medidas penais alternativas: um estudo comparativo dos programas TASEVAL, PRIA-MA e reGENER@r. *Social Science*, 14(10), 589. <https://doi.org/10.3390/socsci14100589>
- Santos-Hermoso, J., González-Álvarez, J. L., López-Ossorio, J. J., García-Collantes, Á., e Alcázar-Córcoles, M. Á. (2022). Femicídio psicopático: a influência da

- psicopatia no homicídio de parceiros íntimos. *Journal of Forensic Sciences*, 67(4), 1579–1592. <https://doi.org/10.1111/1556-4029.15038>
- Savard, C., Brassard, A., Lussier, Y., e Sabourin, S. (2015). Traços psicopáticos subclínicos e apego romântico em casais da comunidade: uma abordagem diádica. *Personality and Individual Differences*, 72, 128–134. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.08.014>
- Savard, C., Sabourin, S. e Lussier, Y. (2011). Correlatos dos traços de personalidade psicopática em casais da comunidade. *Personality and Mental Health*, 5(3), 186–199. <https://doi.org/10.1002/pmh.159>
- Rede Escocesa de Diretrizes Interuniversitárias. (2019). *SIGN 50: Manual do elaborador de diretrizes*. SIGN. <https://www.sign.ac.uk/using-our-guidelines/methodology/checklists/>
- Shaffer, C. S., Gatner, D. T., McCuish, E., Douglas, K. S., e Viljoen, J. L. (2021). O papel das características psicopáticas e dos fatores de risco de desenvolvimento nas trajetórias da violência física entre parceiros íntimos. *Psychology of Violence*, 11(6), 541–551. <https://doi.org/10.1037/vio0000313>
- Sica, C., Caudek, C., Bottesi, G., Colpizzi, I., Malerba, A., e Patrick, C. J. (2023). Modelo triárquico da psicopatia e da violência por parceiro íntimo: um estudo empírico na comunidade italiana. *Journal of Interpersonal Violence*, 39(7–8), 1448–1472. <https://doi.org/10.1177/08862605231207620>
- Sjödin, A.-K., Wallinius, M., Billstedt, E., Hofvander, B. e Nilsson, T. (2018). Evidências de dois níveis de violência e agressão por parceiros íntimos entre jovens infratores violentos do sexo masculino encarcerados. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 62(10), 3097–3116. <https://doi.org/10.1177/0306624X17739180>
- Stewart, D. E., MacMillan, H. e Kimber, M. (2021). Reconhecer e responder à violência por parceiro íntimo: uma atualização. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 66(1), 71–76. <https://doi.org/10.1177/0706743720939676>
- Suevos-Rodríguez, I., Burgos-Benavides, L., Quevedo-Blasco, R., e Rodríguez-Díaz, F. J. (2026). Avaliação da tríade sombria na população prisional: uma meta-análise da generalização da fiabilidade. *Anuário de Psicologia Jurídica*, 36, e260472, 1–12. <https://doi.org/10.5093/apj2026a5>
- Swogger, M., Walsh, Z. e Kosson, D. (2007). Violência doméstica e traços psicopáticos: distinguir o agressor antisocial de outros infratores antisociais. *Aggressive Behavior*, 33(3), 253–260. <https://doi.org/10.1002/ab.20185>

Verdugo-Martínez, A., Ronzón-Tirado, R., e Redondo-Rodríguez, N. (2025). Traços de personalidade e o seu papel na reincidência da violência entre parceiros íntimos: Um estudo de acompanhamento de 15 anos numa amostra de reclusos. *Personality and Individual Differences*, 235, 112969. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2024.112969>

Wasarhaley, N. E., Lynch, K. R., Golding, J. M. e Renzetti, C. M. (2017). O impacto dos estereótipos de género nas perceções jurídicas da violência por parceiros íntimos entre lésbicas. *Journal of Interpersonal Violence*, 32(5), 635-658. <https://doi.org/10.1177/0886260515586370>

Organização Mundial da Saúde. (2019). *Violência contra as mulheres: violência por parceiros íntimos e violência sexual – Resumo de evidências*. <https://coilink.org/20.500.12592/2jp3dq>

Organização Mundial da Saúde. (25 de março de 2024). *Violência contra as mulheres*. <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>